



Claude Monet

Por Valmir Perez

Estrelas que nascem no lago

O QUE VOCÊ ESTÁ SENTINDO NESTE EXATO MOMENTO?

Você já parou para pensar... – melhor, você já parou para refletir sobre isso? Neste exato instante, o que seu corpo está lhe dizendo? Você é capaz de perceber seu corpo apenas num nível externo ou consegue sentir suas reações físicas interiores?

E o que está ouvindo? Você poderia definir claramente de onde, do que ou de quem vem essa mistura de sons? Consegue por alguns simples segundos sentir totalmente as sensações provocadas pelo contato do ambiente, do clima, das suas roupas contra o seu corpo?

Será que você poderia pelo menos, dentro de um átimo de tempo, se apaixonar profundamente por aquilo que entra pelos seus órgãos da visão? Pela simples luz que entra pela janela de seu carro ou escritório, ou pelas sombras teimosas que perseguem as pessoas nas ruas sob um dia ensolarado?

E os seus sentimentos? Conseguiria defini-los? Apesar de todos os pensamentos que vêm e vão ininterruptamente, de todas as contas a pagar, de todas as alegrias, dissabores, amores e preocupações diárias, seria também capaz de reparar uma a uma, nas coisas que seu coração está vivenciando num instante qualquer? Isso, ao menos, me parece muito difícil, mas também, muito importante. Não seria esse um exercício de atenção à nossa intuição?


Será que estamos realmente vivos quando percebemos que nos automatizamos a tal ponto de não conseguirmos

mais curtir, saborear, “presenciar” a nossa própria existência? Será que nos encontramos tão embotados, tão calcificados em espírito, que já estamos perdendo a capacidade humana de olhar para algo e sentir a sua completude, a sua força interior? Será que nos deixamos adormecer para sonharmos um sonho monótono e, como num pesadelo, cujo tempo parece infundável, perdemos nossa força de acordar?

Faça um passeio sensorial pela vida!

Repare bem nas pessoas que estão nas ruas, à sua volta, no funcionamento das coisas do dia a dia, nos jeitos das cidades, na velocidade de suas avenidas e mercados, na correria de seus escritórios, na ansiedade de seus shoppings, na gulodice desenfreada e mórbida de suas lanchonetes e restaurantes apressados, na loucura rouca das baladas. Olhe bem, pois isso tem a ver com você! Repare também nos olhares de medo, nas desconfianças, no sorriso nervoso, no suor preocupado, no animal-homem que se instalou precocemente em cada um de nós!

Por outro lado, ligue seu olhar na vertigem encantada da criança que corre atrás de um pombo desengonçado, do acordeom ofegante do cego que balança o corpo em busca de ritmo. Concentre-se também na menina junto à mãe apressada, que, de soslaio, paquera brevemente o atendente da loja de calçados. Seja bom com você mesmo e se dê de



presente o tempo que é necessário para acompanhar o jogo de sobrevivência do pardal, que espreita atentamente as migalhas que caem do lanche rápido da secretária.

Aproveite esses minutos que você se deu de presente, pois o tempo é o presente do presente, e veja como as coisas e as cores mudam sob o caminhar do sol. Sinta a presença constante da mudança de tons e texturas provocada pelos raios dourados do astro-rei. Pare na beira do lago, do mar ou do rio e assista ao nascimento e morte efêmeros das estrelas de luz – reflexos fugidios – que brincam dentro dos nossos olhos. Essas estrelas não são menores e menos importantes do que os sóis que nascem e morrem na nossa galáxia. Deixe-se ficar só mais um pouco, antes de retomar novamente a condição de autômato, que responde ao chamado da voz interior automática e burra, que ordena que você durma novamente. Resista ao sono e participe mais um pouco da pulsação da verdadeira vida, que vive e respira quando nos sentimos ligados com tudo que está a nossa volta.

A importância disso? A liberdade descoberta em nossa capacidade de perceber! A própria aventura do existir!

O valor do tempo

Lembra aquela frase que lhe foi ensinada e martelada constantemente e que afirmava que “tempo é dinheiro”? Pois bem, eu digo que você foi enganado, pois a frase correta é: “dinheiro é tempo”. Quanto mais tempo para perceber e sentir, para aprender e voar, mais livre você será. Liberdade significa estar liberado até mesmo do trabalho escravo e, consequentemente, da falta de recursos. Quem não se dá o tempo para se libertar, se escraviza. Dependerá do outro para que as necessidades próprias sejam satisfeitas, portanto, o outro é quem irá decidir quais são as suas necessidades.

Parar, silenciar e perceber é o mesmo que acordar. O mesmo que questionar. Quem não acorda e não questiona é automatizado pela torrente da vida. Isso pode ser bastante perigoso! Parar e perceber, abrir-se à percepção é se integrar, fundir-se conscientemente com a correnteza, aprendendo com ela e não se tornando escravo de suas artimanhas. Aquele que para e observa, apreende e aprende. Dessa forma, as coisas são vividas e sentidas em sua

profundidade. Isso é importante em todas as atividades de nossa vida, inclusive em nossa caminhada profissional. Daí, “dinheiro é tempo”. Quem proporciona a si mesmo esse exercício tem mais chances de ser bem sucedido. De estar sempre crescendo, se desenvolvendo e, portanto, recebendo os frutos de seu crescimento.

Curtir minuto a minuto, o presente do presente, é mais do que garantir crescimento e recursos; é, acima de tudo, garantia de felicidade, que é a sensação de fazermos parte de algo maior, de estarmos completos. Artistas, cientistas e pensadores buscam as suas inspirações no interior desse “tempo”. O “tempo” de parar e sentir. Alguns vivenciam essa experiência com tanta força e disposição que acabam descobrindo o que para a maioria parecia ser impossível, ou nunca haver existido. Claude Monet foi um desses aventureiros. Ao observar demoradamente as relações da luz com as coisas, descobriu que é impossível separar essas coisas de suas imagens. As imagens são as próprias coisas numa dimensão paralela e profunda. Numa dimensão mais além daquela que estamos acostumados a interagir. Entendeu também, através de uma rigorosa perseverança e técnica, que é possível exprimir na matéria uma sensação visual em sua absoluta imediatez. Que podemos concretizar essas sensações fugidias que acontecem num átimo de tempo. Que também é concebível conhecer e expressar as mudanças e mutações que acontecem durante um determinado espaço de tempo.

Oscar Claude Monet nasceu em 14 de novembro de 1840, no quinto andar do número 45 da Rue Laffitte, no 9º arrondissement de Paris ⁽¹⁾. Filho de Adolphe e Louise Justine Monet, ambos nascidos na mesma cidade. Batizado em 1841 na igreja paroquial Notre-Dame-de-Lorette, muda-se com a sua família em 1845 para Le Havre, na Normandia. Seu pai queria que ele trabalhasse com os negócios da família, mas Monet resolve ser um artista pintor.

Em abril de 1851 inicia seus estudos na escola secundária de artes de La Havre. Ali estudará desenho com Jacques-François Ochart ⁽²⁾. Por volta de 1856 conhece nas praias da Normandia o artista Eugene Boudin ⁽³⁾, que o inicia na pintura a óleo “en plein air” ⁽⁴⁾. Os dois foram influenciados pelo artista Johan Barthold Jongkind ⁽⁵⁾.

Aos 28 de janeiro de 1857, morre sua mãe. Então, com dezesseis anos, vai morar com a sua tia



Marie-Jeanne Lecadre. Monet viverá muitos anos em Paris e será aí nessa cidade que fará amizade com outros artistas, dentre eles Édouard Manet (6), também futuro participante do movimento impressionista.

Em 1861, Monet entra para o primeiro regimento de cavalaria ligeira. Deveria ficar sete anos na Argélia, mas quase dois anos depois, após adquirir febre tifóide, sai do exército e volta para os estudos de arte. Desde essa época mostra-se desiludido com a arte tradicional que é ensinada então nas escolas. Em fins de 1862 torna-se aluno de Charles Gleyre, em Paris, quando também conhece Pierre-Auguste Renoir (7), Frédéric Bazille (8) e Alfred Sisley (9). Todos eles compartilham os primeiros passos na técnica de pinceladas rápidas que mais tarde seria conhecida como Impressionismo.

Desde 1866, sua futura esposa, Camille Doncieux posa para Monet. Com ela terá dois filhos. Jean nasce em 1867 e Michel em 1878. Camille morre de câncer em 1879. Monet a pintaria em seu leito de morte.

Com a eclosão da guerra Franco-Prussiana, em 1870, refugia-se na Inglaterra onde estudará as obras de John Constable (10) e Mallord Joseph William Turner (11). Deles, irá receber inspiração para o estudo das cores.

As dificuldades

Em 1871 suas obras foram recusadas para participação da exposição da Academia Real. No mesmo ano, em maio, deixa Londres e vai morar em Zaandam, na Holanda. Seis meses depois retornaria a Paris onde ficaria até 1878. É em 1872 que pinta o quadro "Impression Soleil Levant" (Impressão Nascer do Sol), apresentada na exposição realizada no estúdio do fotógrafo, caricaturista e jornalista Félix Nadar (12), desde o início amigo dos pintores do círculo de Monet. A expressão "impressionistas" foi utilizada pela primeira vez pelo crítico de arte Louis Leroy. Embora Leroy tenha cunhado o termo por menosprezo aos trabalhos apresentados nessa exposição, ele foi prontamente apropriado pelo movimento.

Interessante ressaltar que, desde o início, a arte fotográfica e o impressionismo sempre estiveram ligados, talvez pela própria visão estética, cuja busca é a da apreensão do imediato. Muitos pintores desse movimento, inclusive, usaram os recursos fotográficos em suas experiências pictóricas, fotografando

seus motivos e posteriormente os pintando.

Monet enfrentou sérias dificuldades financeiras durante boa parte de sua vida. Em 1883 Monet muda-se para Giverny, no norte da França. Aluga uma antiga casa e em seu celeiro monta seu atelier. Nessa época, a sorte começa a bater à porta do pintor. O seu agente, Paul Durand-Ruel (13) começa a conseguir bons preços pelas suas obras.

Os jardins de Monet

Em 1890 Monet já tem dinheiro suficiente para comprar a casa onde mora, construir estufas e jardins. A partir de então se dedicará mais às suas pesquisas, cujo mote principal é o estudo das mudanças de luz em função do tempo. Como a maioria dos impressionistas, Monet gosta de pintar a natureza, jardins e lagos artificiais. Estudou botânica e projetou esses jardins nos dois acres de terra que faziam parte de sua propriedade. Mesmo depois de se tornar rico, ainda era quem os projetava.

Os últimos anos

De 1893 a 1908 viaja pelo Mediterrâneo, onde pinta paisagens e marinas. Cria também nesse período séries de pinturas de Veneza e Londres. Durante a primeira guerra mundial cria uma série de obras em homenagem aos soldados franceses mortos na guerra. Desde essa época já apresenta sinais de catarata. Alguns críticos afirmam que as obras desse período apresentam tonalidades mais avermelhadas devido a esse problema em sua visão. Alguns ainda afirmam que, depois da cirurgia, Monet começou enxergar alguns comprimentos de onda próximos ao ultravioleta.

Monet morreria de câncer do pulmão em 5 de dezembro de 1926. Sua casa, lagoa e jardins são doados posteriormente por seu filho Michel para a Academia Francesa de Belas Artes.

A arte, antes e depois de Monet

Antes de Monet, a maioria dos pintores realizava suas obras dentro de seus estúdios. Isso facilitava sobremaneira a visualização continuada dos modelos dentro de uma ambiência artificial. As mudanças de iluminação eram mínimas, dadas pelas condições do espaço e da luz. Geralmente os artistas busca-



vam pintar sempre no mesmo horário, ou seja, com incidência solar em mesmo ângulo. Havia também os que pintavam à luz de velas ou candelabros.

Os impressionistas e, dentre eles, principalmente, Claude Monet, fundam a técnica da apreensão dos motivos ao ar livre, através de uma técnica de pinceladas rápidas, buscando captar os nuances exatos do momento imediato dos efeitos da luz. Chegam a pintar o mesmo motivo várias vezes em períodos diferentes do dia, numa pesquisa continuada dos efeitos de transformação das cores.

“Renuncia-se ao procedimento habitual, que consistia em desenvolver esboços do verdadeiro no estúdio, aplicando determinadas regras de composição e iluminação. Escolhe-se o tema fluvial por excluir a estabilidade dos planos perspectivos e iluminação fixa, que estavam na fase da perspectiva. Adota-se uma técnica rápida, de toques, evitando fundir as cores na tela e misturar o branco e o preto para formar o claro e o escuro.” (ARGAN 1992) ⁽¹⁴⁾

Mas além da perspectiva de mudança do paradigma de se pintar o motivo ao vivo, pelo simples fato de se observar as mudanças da luz, Monet vai mais longe. Ele não deseja apenas fazer da sua arte uma ciência e técnica de apreensão das mudanças da luz física, mas, e principalmente, está disposto a entender a complexidade da percepção humana e a sua importância. Outros artistas tais como Sisley, estão preocupados em utilizar a nova técnica para buscar uma verdade mais profunda da natureza, sua sutileza emotiva.

“No entanto, não era esse o problema: o problema não era a natureza (o objeto), e sim a atividade mental do sujeito que a percebe. Monet tem a coragem de eliminar todos os intermediários entre ele e o objeto: não só as noções habituais e o senso comum, mas também o tão celebrado “sentimento da natureza”. Leva para a água azul-celeste os vermelhos, os verdes, os brancos das casas, das árvores, das velas. Não importa que o reflexo de uma coisa seja menos certo e firme que a coisa: a percepção do reflexo é, enquanto percepção, tão concreta quanto a percepção da coisa. Sisley se concedia o tempo para conhecer a espécie das árvores e, nas casas, a disposição das paredes e do teto; Monet fixou as notas das cores sem se perguntar a que tipo de objeto correspondiam. Com os brancos insistentes das velas e seus reflexos, ele solucionou a profundidade num único plano: o espaço profundo, a retina não. E

a pintura não deve representar o que está diante dos olhos, e sim o que está na retina do pintor. Tampouco distingue entre as coisas e o ambiente espacial e luminoso em que se encontram: as cores não são iluminadas, são fatores luminosos, e, portanto, os elementos construtivos do quadro.” (ARGAN 1992) ⁽¹⁵⁾

As relações entre o espaço, a luz e as pessoas

Muito se fala que o espaço é também determinado pela luz, mas pouco se fala de que maneira isso se dá. É então estudando as obras e as ideias de Monet que chegamos a perceber que a coisa vista sob determinada luz estará sensivelmente afetada não apenas em seu exterior, mas principalmente em nosso interior, na maneira como a percebemos. Pode-se tirar daí então, a conclusão de que não é apenas importante saber como determinada luz ou cor determinará o espaço, mas também como determinadas pessoas irão reagir sensivelmente a essas intervenções. As imagens mudam de acordo com a maneira que as pessoas as sentem ou estão “sensibilizadas” a senti-las.

Cabe então, seguindo esse raciocínio, salientar a importância do aprimoramento da sensibilidade das pessoas, o que, a meu ver, não está incluído atualmente nas propostas educacionais e de formação dos indivíduos. Tenho percebido justamente o contrário, uma verdadeira campanha de embotamento dos meios sensíveis do homem, seja por parte das intervenções em nossa vida diária pelo fluxo constante de elementos de massificação dos meios midiáticos ou pela falta de políticas educacionais que visem o aprimoramento de nosso senso estético e de apreciação.

O mundo através do Impressionismo

A arte impressionista, uma das mais valiosas contribuições na pintura em todos os tempos, trouxe-nos a possibilidade de entender mais e melhor o funcionamento de nossa percepção. Os pintores impressionistas foram os primeiros a salientar a importância do fluxo constante das sensações visuais e nos transmitir a técnica de sua apreensão, tanto no nível técnico como no nível puramente psicológico.

Quando observamos determinado objeto ou paisagem através dos olhos desses mestres percebemos o quanto esse fluxo de “informação” vital



transforma-se na linha do tempo, transformando nossa maneira de perceber, nossa maneira de sentir o fugidio momento. Ao observarmos uma fachada, um campo, um jardim ou uma cidade, com os olhos atentos e os sentidos em alerta, iremos prontamente perceber as mudanças que ocorrem em função da luz, principalmente sob a luz natural, sob os influxos solares e situações atmosféricas diferentes, durante a sua passagem pelo eixo do horizonte terrestre.

Os impressionistas também nos fazem saber que os reflexos das luzes que partem dos objetos podem contrair ou expandir esses objetos. Luzes ofuscantes determinam em nossas retinas um aumento considerável das proporções físicas, fazendo-nos perceber diferentemente em um dado momento ou situação.

Monet descobriria no impressionismo não apenas uma volta aos valores românticos. Descobriria através de suas pesquisas os valores autênticos da sensação visual, num estado puro. Sua ideia não era apenas a de contribuir com a psicologia experimental, para ele "(...) a impressão visual não se manteve colada à retina: sendo desde o início um fato da imaginação, prosseguiu sua viagem pela dimensão psíquica do imaginário até se transformar em visão. Não terá a psicologia experimental provado que as imagens que se formam na mente, independentemente das coisas, são "percepções", da mesma exata maneira que as imagens determinadas pela visão das coisas? (ARGAN 1992) ⁽¹⁶⁾

(1) Paris é dividida em vinte arrondissements municipaux: distritos administrativos. Nota do autor.

(2) Jacques-François Ochart (1800-1870): artista francês lembrado como o primeiro professor de arte de Claude Monet. Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Jacques-Francois_Ochart, em 18/08/2010.

(3) Eugène Boudin (1824-1898): um dos primeiros franceses paisagistas a pintar ao ar livre. Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Eugène_Boudin, em 18/08/2010.

(4) En plein air: expressão francesa que significa "ao ar livre". É particularmente usada para descrever o ato de pintar ao ar livre. Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/En_plein_air, em 18/08/2010.

(5) Johan Barthold Jongkind (1819-1891): pintor e gravurista holandês que influenciou Monet e é considerado um dos precursores do Impressionismo. Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Johan_Barthold_Jongkind, em 18/08/2010.

(6) Édouard Manet (1832-1883): pintor francês, um dos primeiros artistas do século XIX a abordar o tema da vida moderna. Figura central na transição do Realismo ao Impressionismo. Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Édouard_Manet, em 18/08/2010.

(7) Pierre-Auguste Renoir (1841-1919): um dos mais importantes pintores impressionistas. Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Pierre-Auguste_Renoir, em 18/08/2010.

(8) Jean Frédéric Bazille (1841-1870): pintor impressionista francês, cujas obras mais importantes mostram muitas vezes, em primeiro plano, a figura dentro de uma paisagem pintada "en plein air". Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Frédéric_Bazille, em 18/08/2010.

(9) Alfred Sisley (1839-1899): pintor francês de ascendência e nacionalidade britânica. Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sisley>, em 18/08/2010.

(10) John Constable (1776-1837): pintor romântico inglês. Nascido em Suffolk, é reconhecido principalmente pela sua pintura paisagística de Dedham Vale, área em torno de sua casa, agora denominada "Constable Country". Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/John_Constable, em 18/08/2010.

(11) Joseph Mallord William Turner (Chelsea-1851): pintor romântico londrino, considerado por um dos precursores do Impressionismo, por seus estudos sobre cor e luz. Wikipédia: http://pt.wikipedia.org/wiki/William_Turner, em 18/08/2010.

(12) Félix Nadar, pseudônimo de Gaspard-Félix Tournachon (1820-1910): fotógrafo, caricaturista e jornalista francês. Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Nadar>, em 18/08/2010.

(13) Paul Durand-Ruel (1831-1922): marchand francês, um dos primeiros negociantes de arte moderna, que prestou apoio aos seus pintores com bolsas e exposições individuais. Wikipédia: http://en.wikipedia.org/wiki/Paul_Durand-Ruel, em 18/08/2010.

(14) ARGAN, G. Carlo. Arte Moderna. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. Pag. 98.

(15) Op. Cit. págs. 98 e 99.

(16) Op. Cit. 102.

O impressionismo e o lighting design

Ao nos debruçarmos sobre as novas tecnologias de iluminação, que são capazes de nos facilitar intervenções fantásticas sobre os elementos físicos, as ideias e estudos de Monet nunca foram tão necessários, a fim de nos lembrar que o foco principal de nosso trabalho é e sempre será o da percepção humana.

Monet também nos traz à consciência, o alerta de que precisamos, como artistas da luz, observar profundamente os espaços e seus entornos. Observar atentamente as mudanças da luz durante o tempo curto do dia e nos longos, da transição das estações, geralmente provocadas pelo seu posicionamento relativo nos céus.

Designers de iluminação, de interiores e exteriores deveriam se ater ao fato de que a camada atmosférica terrestre funciona como um grande prisma, uma lente que provoca mudanças no espectro. Pelas manhãs e pelas tardes as cores quentes são mais abundantes do que durante o zênite solar – mais azuladas.

Cores de fachadas e do interior dos edifícios sofrem mutações cromáticas que, se bem estudadas, podem propiciar mais conforto e beleza. As cores-pigmentos aplicadas sobre os objetos sofrem mutação constante sob a influência das cores-luzes. Intervenções bem aplicadas podem revelar ou esconder detalhamentos. Os matizes podem trazer "informações" subjetivas muito bem vindas aos projetos.

Refletir sobre tudo isso é continuar interessado, é estar aprendendo constantemente. Exercício que nos torna mais vivos, mais participantes da vida e do tempo presente. O presente que podemos nos dar é o presente de estarmos presentes aqui e agora, para, por nossa vez, presentearmos a nós mesmos e aos nossos semelhantes com a luz de nossa alma. ◀



Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Multimeios. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato - valmirperez@gmail.com/www.iar.unicamp.br/lab/lluz.